



REDE
TEMPO
BRASIL



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

Nuestra América: A influência pedagógica de uma ideia na construção de uma América Latina autônoma e internacionalista

Maria Gabriela Netto de Andrade¹

Resumo: Este artigo resalta a relevância da participação histórica do político, jornalista e revolucionário José Martí no processo de emancipação sociocultural de uma identidade hispanoamericana e sua influência na Revolução Cubana. Além disso, analiso a obra documental *Nuestra America* (1891) e o seu papel pedagógico enquanto fonte histórica para a inserção dos seus fundamentos na construção de uma identidade latinoamericana. Por fim, uma breve reflexão acerca da importância da sala de aula na construção de uma consciência histórica coletiva e autônoma da qual José Martí defende em seu discurso.

Palavras-chave: José Martí; Revolução Cubana; Latinoamericana.

Nuestra América: The pedagogical influence of an idea in the construction of an autonomous and internationalist Latin America

Abstract: This article emphasizes the relevance of the historical participation of the politician, journalist and revolutionary José Martí in the process of sociocultural emancipation of a Hispano-American identity and its influence on the Cuban Revolution. In addition, I analyze the documentary work *Nuestra America* (1891) and its pedagogical role as a historical source for the insertion of its foundations in the construction of a Latin American identity. Finally, a brief reflection on the importance of the classroom in building a collective and autonomous historical awareness that José Martí defends in his speech.

Keywords: José Martí; Cuban Revolution; Latin American.

Introdução

Por décadas a Revolução Cubana tem sido objeto de pesquisa de diversos historiadores, uma ampla historiografia e fonte documental pode ser encontrada acerca do assunto, entretanto, esses estudos por muitas vezes permanecem tão somente no meio acadêmico. A temática revolucionária é muito pouco abordada em sala de aula se comparada a essa vasta produção de saber, o currículo mínimo de História, por exemplo, parece priorizar assuntos eurocêtricos se compararmos com questões latinoamericanas. A defasagem do assunto pode gerar um senso de “não pertencimento” no aluno ao não se reconhecer na própria história, além de possíveis sentidos comuns e estereótipos que possam o afastar da sua cultura latinoamericana.

Assim, defendo (acho que retiraria a primeira pessoa) a apropriação e construção de um saber crítico nas salas de aula a partir da Revolução Cubana e do conceito de latinoamericanidade, feito por e para nós latinoamericanos, sobretudo, com o auxílio de fontes documentais que existem e já são utilizadas.

É nesse contexto que o presente artigo tem como objetivo discorrer uma breve análise acerca dos principais fundamentos encontrados na obra *Nuestra América* (1891)^{II} do intelectual José Martí (1853-895), levando em consideração a sua importância enquanto referência para seu contexto histórico e sua influência no processo de pensar uma cultura específica hispanoamericana. Assim, destacando a obra como alternativa às ideias colonialistas europeias e inspiradora para o processo de emancipação da América Latina perante o imperialismo europeu. Destacando a fonte documental como útil para o ensino de história na sala de aula.

Portanto, escrevo a partir de alguns questionamentos; Por que José Martí? Por que latinoamericano? Por que essa fonte histórica? Em suma, tenho como objetivo fomentar algumas reflexões sobre a necessidade cultural de se estudar América Latina e a importância do protagonismo martiano na História.

Deste modo, divido o artigo em três partes além desta introdução e conclusão. Primeiramente pretendo contextualizar acerca da Independência Cubana e a necessidade da emancipação dos países latinoamericanos, posteriormente analiso a obra documental *Nuestra América* e a importância dos seus fundamentos para esse processo. Por fim, uma breve reflexão acerca da importância da sala de aula e seu papel pedagógico na construção de uma consciência histórica coletiva latinoamericana da qual José Martí defende em seu discurso. Sendo a quarta e última parte as minhas considerações finais.

A crise da Independência; a necessidade de emancipação.

Em um contexto de mudanças econômicas devido às Revoluções Industriais e crises no capitalismo (1873-1896), a Europa sofre diversas modificações sociais, o historiador Eric Hobsbawm evidencia um conflito fundamental para uma nova fase dos imperialismos. A partir da queda do boom da taxa dos capitalistas, a Grã-Bretanha competia e desejava eliminar a França, buscando alcançar o “*total predominio comercial nos mercados europeus e o controle total dos mercados coloniais e ultramarinos, que por sua vez implicam o controle dos mares.*”^{III} Nesse sentido, apesar do aspecto econômico caracterizar e dominar grande parte da estruturação desta era imperial, o fenômeno cultural marca também esta época em que o imperialismo acaba ocidentalizar as elites potenciais deste mundo desenvolvido. Os hábitos da cultura ocidental eram induzidos às novas civilizações coloniais, desde a conversão ao cristianismo até à educação^{IV}.

Se por um lado o imperialismo triunfou, principalmente em países como a Grã-Bretanha, por outro lado, levantou alguns problemas que tornaram insustentável a relação entre as colônias e a metrópole. Entre estes problemas, surgia a falta de controle existente nos impérios coloniais no

ANDRADE, M. G. N.

que diz respeito a sua forma de governo. Deste modo, o imperialismo buscava influências indiretas e enxergava a América Latina como um lugar de modernização do capital, para isso, também se utilizavam de um saber-poder visando a dominância não só territorial e econômica, mas sociocultural. Por conseguinte, e com a crise de independência, a América Latina também busca se organizar e surgem diversas “visões de mundo” na mentalidade hispanoamericana.

Com a crise de independência e uma nova conjuntura, a necessidade de se emancipar perante o Imperialismo se intensifica. A historiadora Leite Hernandez ao discorrer acerca do eurocentrismo afirma que o saber ocidental construiu uma consciência planetária *constituída por visões de mundo, auto imagens e estereótipos que compõem um “olhar imperial” sobre o universo*^V utilizado como rede de interesses políticos de assegurar o colonialismo. É nessa mesma linha de análise que o historiador Eugênio de Carvalho explica que o século XIX e inícios do XX é caracterizado por diversos intelectuais de cunho americanista que tentam fomentar e pensar uma cultura latino-americana, em respostas às teses europeias que descreviam a realidade americana enquanto inferior e sem História, povos selvagens e sem cultura. Os intelectuais americanistas tentam entender a própria “Natureza” histórica e lidar com todo esse estigma^{VI}.

Outro importante pensador, Frantz Fanon explica que as imposições sociais dos colonizadores afetam a inserção social e também em um complexo psicoexistencial de aceitação e que precisa ser quebrado. Ou seja, o autor afirma que o colonialismo e as engrenagens do seu mecanismo, geram uma cultura sociopolítica capitalista e uma dinâmica social em que pessoas são condicionadas a alienação ao modo de vida construído por e para brancos^{VII}. Nesse sentido, essa cultura colonialista e racista afeta as relações psicoafetivas e socioculturais criando subordinados. Assim, o reconhecimento humano é negado às pessoas negras, no caso da análise de Fanon, pois há uma hierarquia de poder emanando nessas condições, em que o homem branco colonizador é o mais alto nível de ascensão social.

Por conseguinte, há uma busca constante por “tornar-se branco”, fazendo com que pessoas negras marginalizadas passem por um processo de “embranquecer” suas culturas e vidas. Visto que o reconhecimento humano lhe é negado, Fanon reconhece-se e incentiva que mais pessoas tomem ciência de sua alienação, pois é através da consciência de si próprio que se pode modificar a direção histórica.

“Sendo ideal que o presente sempre sirva para construir o futuro. E esse futuro não é cósmico, é o do meu século, do meu país, da minha existência. De modo algum pretendo preparar o mundo que me sucederá. Pertencço irredutivelmente à minha época. E é para ela que devo viver. O futuro deve ser uma construção sustentável do homem existente. Esta edificação se liga ao presente, na medida em que coloco-o como algo a ser superado.”^{VIII}

Nuestra América e a Revolução Cubana

É importante compreender esse conceito, para entender o contexto histórico e a importância do discurso em que o poeta José Martí formula a sua célebre obra *Nuestra América* (1891), tentando superar esses estigmas e valorizar a história e cultura hispanoamericana. É evidente que José Martí se recusa a compreender a história da América Latina a partir da conquista do colonizador, além disso, ele também recusa as ideias vindas dos Estados Unidos (Ianques). Em seu texto é notável que os EUA representavam também um imperialismo perante a América Latina e tinha seus próprios interesses e visões de mundo que visavam o seu crescimento próprio. Visões de mundo que não contemplavam a cultura latino-americana, pelo contrário, a exploravam.

“Cree el soberbio que la tierra fue hecha para servirle de pedestal, porque tiene la pluma fácil o la palabra de colores, y acusa de incapaz e irremediable a su república

ANDRADE, M. G. N.

nativa, porque no le dan sus selvas nuevas modo continuo de ir por el mundo de gamonal famoso, guiando jacas de Persia y derramando champaña. La incapacidad no está en el país naciente, que pide formas que se le acomoden y grandeza útil, sino en los que quieren regir pueblos originales, de composición singular y violenta, con leyes heredadas de cuatro siglos de práctica libre en los Estados Unidos, de diecinueve siglos de monarquía en Francia.”^X

Por isso, para o poeta era tão importante e necessário, sobretudo, a união de um povo a partir de uma ideia para o seu autoconhecimento, pois a ideia teria um valor importante no processo de emancipação da América Latina e na sua busca de identidade cultural, na busca de sua “Natureza”. Nesse sentido, o historiador Eugênio Rezende de Carvalho explica que o desafio seria, portanto, buscar essa natureza que estaria acobertada sob a referência e critérios do outro, e então a superação desse mundo da ausência, era um desafio intelectual na construção e busca de compreensão da América Espanhola, a partir de suas especificidade e consciência própria.

“No hay proa que taje una nube de ideas. Una idea enérgica, flameada a tiempo ante el mundo, para, como la bandera mística del juicio final, a un escuadrón de acorazados. Los pueblos que no se conocen han de darse prisa para conocerse, como quienes van a pelear juntos. Los que enseñan los puños, como hermanos celosos, que quieren los dos la misma tierra, o el de casa chica, que le tiene envidia al de casa mejor, han de encajar, de modo que sean una, las dos manos.”^X

O conjunto dessas ideias do discurso crítico martiano, no geral, eram distintas das ideias da época, visava identificar uma América enquanto autônoma. Por isso, há uma reflexão acerca do pronome *Nuestra*, uma concepção de América Latina com personalidade própria e diferente da europeia e da “outra” América: os Estados Unidos^{XI}. É possível ver essa questão aludida no discurso de José Martí através das metáforas que ele faz a “tigres” de dentro e fora do território. Mas como pensava resolver esse problema?

Alguns outros autores tentavam demasiadamente importar as ideias estrangeiras, enquanto isso o intelectual martiniano propunha o estudo dos problemas e sua solução de forma autêntica, pois era preciso que para entender a sua identidade e seus conflitos, usassem suas próprias demandas e criatividade. Nesse sentido, é necessário analisarmos aqui um outro fundamento interessante em *Nuestra América*, se considerada a autonomia, portanto, era importante para Martí a criação de um governo que nascesse de seu próprio país e governasse para seu povo visando a construção de estruturas de ensino, ou seja, universidades. Uma estrutura que ensinasse a cultura e história hispanoamericana. Portanto, José Martí reconhecia uma História e não negava suas raízes, ao contrário, as assumia e valorizava.

Dando continuidade acerca da necessidade de autonomia, uma importante afirmação em *Nuestra América* é a referência que José Martí faz à célebre tese de Faustino Sarmiento (1811-1888) sobre Barbárie e Civilização, segundo José Martí “no hay batalla entre la civilización y la barbarie, sino entre la falsa erudición y la naturaleza.”^{XII} Ponto importante a ser salientado é que civilização e barbárie são uma problemática específica nas obras de Sarmiento que, de forma geral, identificam dois tipos de sociedade: a América latina, com resquícios da colonização espanhola; e a europeia, centro e fundador da civilização.

A socióloga Maristella Svampa na obra *En Dilema Argentino: Civilización o Barbarie*^{XIII}, busca analisar o pensamento de Sarmiento contido em seus livros, a saber: *Facundo* e *Civilización o Barbarie*, a partir destes o autor afirma a existência de uma dicotomia presente na América latina, onde vigorava elementos bárbaros representados pela natureza, principalmente o pampa, chamado pelo autor de deserto, que significava a sobreposição do aspecto natural sobre o indivíduo americano, trazendo um sentido de contemplação e “inanição”. Já o oposto desse estado, o homem subjungando a natureza, representava um aspecto que era materializado na cidade, na qual

ANDRADE, M. G. N.

caracteriza a civilização. Logo, é perceptível a divergência entre campo e cidade presente no discurso de Sarmiento, afirmando ser neste primeiro o lugar da anarquia, e no segundo, lugar da ordem.

Nesse sentido, José Martí rompe com a visão arraigada de estigmas eurocêntricos, pois ele compreende a diversidade cultural da América Latina e direciona seu discurso para uma organização autônoma internamente para se expandir internacionalmente, superando os problemas do passado a partir de uma América Latina unida, continentalmente e anti-imperialista. É válido ressaltar que o intelectual cubano ao negar essa diferença entre civilização e barbárie, também negava as teses biológicas e racistas que justificavam desigualdades sociais. Eugênio Carvalho aponta até um exagero na aceitação de “uma boa vontade de todos, capaz de superar os antagonismos sociais”^{XIV}, elucidando que Martí acreditava nessa união não de forma hegemônica como a civilização e o progresso europeu, mas uma união que integrava. Segundo o próprio José Martí: *la libertad, para ser viable, tiene que ser sincera y plena*^{XV}.

“América, el deber urgente de nuestra América es enseñarse cómo es, una en alma e intento, vencedora veloz de un pasado sofocante, manchada sólo con sangre de abono que arranca a las manos la pelea con las ruinas, y la de las venas que nos dejaron picadas nuestros dueños. El desdén del vecino formidable, que no la conoce, es el peligro mayor de nuestra América; y urge, porque el día de la visita está próximo, que el vecino la conozca, la conozca pronto, para que no la desdeñe. Por el respeto, luego que la conociese, sacaría de ella las manos. Se ha de tener fe en lo mejor del hombre y desconfiar de lo peor de él. Hay que dar ocasión a lo mejor para que se revele y prevalezca sobre lo peor. Si no, lo peor prevalece. Los pueblos han de tener una picota para quien les azuza a odios inútiles; y otra para quien no les dice a tiempo la verdad.”^{XVI}

O cientista social Eduardo Santos explica que para a compreensão dessa superação dos antagonismos, é preciso destacar a afirmação de José Martí sobre ter fé, o ativista revela uma dimensão utópica baseada em uma crença quase espiritualista fundamentada em uma energia comum ao novo homem da América; o amor^{XVII}. Assim, é de importância destacar o papel da concepção de “ideia” em *Nuestra América*, para o americanista Martí ela seria a energia primordial para a revolução e o reconhecimento hispanoamericano.

Portanto, as ideias desenvolvidas em *Nuestra América* foram muito importantes para o contexto histórico de emancipação da época, entretanto, pode-se afirmar também a sua influência posterior. A doutora em História Izabel Pimentel da Silva, elucida que José Martí tornou-se um ícone na luta anti-imperialista, após sua morte e no início da segunda Guerra de Independência de Cuba (1895-1898), tornou-se uma referência e um herói para os líderes da Revolução Cubana^{XVIII}. As ideias do modelo cubano, além de socialistas, eram sobretudo associadas a uma autonomia política latinoamericana. Um importante exemplo disso são as “Juntas de Coordenação Revolucionárias” (JCR) pensadas na época de Che Guevara, cujo objetivo era a organização entre as guerrilheiras comunistas da Argentina, Chile, Uruguai e Bolívia.

No geral, os Estados Unidos seriam os inimigos em comum dos povos latinos americanos e para a JCR era a partir da organização em conjunto e internacionalista que seria possível combater esse imperialismo e chegar ao socialismo. Izabel Pimentel da Silva, faz uma breve análise dos discursos de Che Guevara e demonstra o quanto ele e os revolucionários em geral defendiam a luta continental e com uma noção de *latino-americanismo*. Visto que reconheciam que a América Latina estava relacionada à noção de terceiro-mundo e precisava enfrentar as contradições do capitalismo, mas de forma autônoma.

ANDRADE, M. G. N.

“[...] as teses terceiro-mundistas reivindicavam a independência em relação aos Estados Unidos e à União Soviética e valorizavam o potencial revolucionário dos países do Terceiro Mundo, na medida em que as contradições do capitalismo seriam mais agudas nestas regiões. Ao mesmo tempo em que buscava construir uma identidade para os países excluídos do Primeiro e Segundo Mundo, o terceiro-mundismo também representou uma bandeira libertária e revolucionária para estes povos.”^{XIX}

É importante esclarecer que a JCR é fruto de um contexto político mais amplo, a organização ressignificou a perspectiva de internacionalismo para essa ideia de latino-americanismo. E por mais que tenha sido uma esquerda radical minoritária, é interessante pensar que algumas camadas populares foram conquistadas pelo movimento, além disso, a Revolução Cubana e seus revolucionários continuam sendo referência para toda a esquerda latinoamericana até os dias atuais.

Em entrevista, Gonzalo Armua secretário da Alba^{XX} reafirma o legado de José Martí em Cuba enquanto símbolo da pátria, sendo referência a todos que constroem um projeto anti-imperialista de uma identidade revolucionária do continente latinoamericano. Para mais, ressalta o papel fundamental de José Martí na Revolução Cubana, tanto na teoria quanto na prática visto que participou ativamente de movimentos independentistas.

A sala de aula: novas perspectivas para um saber revolucionário e martiano.

Nas últimas décadas a preocupação com o saber e a prática de ensino visa romper com as metodologias instrumentalizadas do século XIX fundamentadas em uma racionalidade técnica. A partir disso, um complexo campo de pesquisa que contrapõe esse saber institucionalizado acerca do Ensino de História e consciência histórica tem sido debatido e repensado. Portanto, recorro somente a contribuições de alguns historiadores para fundamentar uma reflexão do assunto, em suma é de importância evidenciar que, assim como Luis Cerri, compreendo o ensino de história enquanto “fenômeno social, e não somente um fenômeno da educação formal”^{XXI} e sobretudo experienciado pela coletividade.

De modo geral, é interessante analisar uma complexibilização social a partir dessas mudanças estruturais nesse processo de modernização e embates políticos a nível global, tanto na economia quanto cultural. Conceber a sala de aula nesse contexto é, portanto, necessariamente entender a sua inserção em um campo de disputa de poder. Observando esse processo, Inês Dussel explica que há uma espécie de “saber-poder” social e institucional em que a sala de aula torna o espaço mais propício para transpassar e conduzir as normas sociais, um saber fomentando uma visão de mundo Ocidental^{XXII}, sendo ele limitador na medida em que apaga o campo científico e de experiência de povos não-brancos.

É interessante percebermos continuidades desse saber na atualidade. Por exemplo, analisando o currículo de História, pode-se notar o padrão de estudos focados em grandes acontecimentos, revoluções e mudanças políticas da Europa, além de um enfoque em heroizar governantes e feitos de pessoas brancas. Essa valorização de uma cultura em detrimento de outra pode causar um apagamento e uma exclusão de referências socioculturais nas vivências dos alunos, gerando uma crise de identidade. Por conseguinte, a sala de aula também pode ser um espaço de reprodução de opressão, um ambiente organizado ou desorganizado nesse processo complexo e instável de construção de identidade.

A historiadora Vera Candau^{XXIII}, por exemplo, fomenta que não há uma experiência pedagógica desvinculada das questões culturais da sociedade, o aluno sempre traz consigo vivências e demandas socioculturais estruturais. Por isso, ampliar a docência para uma perspectiva

ANDRADE, M. G. N.

intercultural seria promover o reconhecimento do “outro” da sua forma mais heterogênea possível e a partir dos conflitos de diferentes grupos socioculturais, entendendo que é possível a construção de um projeto comum sem o apagamento das diferenças.

A teoria precisa construir novas práticas pedagógicas com perspectivas interculturais e que rompam com o caráter homogêneo e universalizador educacional., visando o reconhecimento de nossas identidades culturais como forma de tomada de consciência, sendo introduzido desde os primeiros anos de escolarização. Para mais, a identificação das representações dos “outros”, compreender essa visão binária de “nós” e “outros” e explicar que ela está ligada ao etnocentrismo. No campo escolar, essa prática se associa a como atribuem o fracasso do aluno a suas origens considerando uns melhores que outros com maiores potenciais, dividindo-os.

Por isso, alguns estudiosos ressaltam a sala de aula enquanto um espaço complexo e heterogêneo com diversas tensões e conflitos socioculturais. Sendo assim, o educador precisa mediar exercícios provocando situações em que haja interações do ponto de vista do “outro”, trazer reflexões coletivas no cotidiano escolar, sobre identidades e reconhecer as situações de discriminações para poder resolvê-las. Compreender a escola dessa forma seria romper o padrão homogeneizador e dar uma autonomia para professores e alunos enfrentarem questões da crise escolar, acompanhando as mudanças sociais e se aproximando da cultura dos jovens e suas mentalidades.

Em resumo, pensar a sala de aula e o ensino de História é necessariamente estudar um processo repleto de nuances de poder hierárquicos e conflituosos. Portanto, não existe neutralidade tanto na análise histórica quanto em seu desenvolvimento, compreender isso é conceber o seu papel social, enquanto historiador e professor. Em síntese:

“O ensino de História, então, é a síntese móvel entre as demandas políticas e sociais por identidade coletiva e orientação no tempo, as concepções do que seja a teoria e o método históricos, e ainda as visões sobre qual conhecimento do passado é essencial para ser conhecido e assimilado pelas novas gerações.”^{XXIV}

Nesse contexto político e com as demandas de emancipação que José Martí fundamenta *Nuestra América*, entretanto, o sistema em que o ativista denunciava de modo geral se configurou no mundo global imperialista. E é de extrema importância reconhecer que esse sistema fundamentalmente utiliza o racismo como instrumento de dominância, para tal cria-se diversas teses pautadas em uma razão europeia, historicamente da modernidade que exclui e oprime todo e qualquer grupo étnico que não seja da branquitude. Segundo Catherine Walsh, esse sistema capitalista sociocultural se adaptou e atualmente mantém suas engrenagens com novas estratégias, a partir de um discurso neoliberal multiculturalista. Pautas de identidades estão sendo discutidas, entretanto, não há uma mudança estrutural.

É nesse sentido que se observa uma consciência política de etnia no discurso martiano, sobretudo, pedagógica e autônoma que pode e deve ser resgatada e ensinada. Como já mencionado, o ativista denunciava as intenções expansionistas nos territórios latinos, destacando os perigos dos “tigres” do sul e do norte, ou seja, da Europa e da América do Norte. Reafirmando a importância do reconhecimento histórico através de um desenvolvimento científico educacional em que *Nuestra América* forjasse, a partir de um processo educativo, um novo Homem coletivo, hispano-americano, anti-imperialista e livre. Portanto, apesar de não ser a única forma, o Ensino de História seria uma maneira útil e pragmática de construir uma consciência histórica a partir da inserção dos fundamentos martianos na sala de aula, ou seja, a utilização da fonte *Nuestra América* enquanto instrumento na inserção de um debate cultural e sociopolítico em conjunto do tópico de Independência e Revolução Cubana

ANDRADE, M. G. N.

Sabemos das dificuldades do ensino nas escolas do Brasil, principalmente com o retrocesso com cortes de verbas para educação e com a implementação de políticas que desvalorizam as ciências humanas como, por exemplo, o novo ensino médio e o corte de tempos no currículo básico. Por isso que o educador precisa reconhecer o seu papel social e político, pois é um trabalho árduo ir contrário ao sistema conteudista de ensino, mas de suma importância.

É necessário que a escola sempre tenha consciência da diversidade cultural e que o docente reafirme as especificidades de distintos grupos em uma conexão histórica/social, para que os alunos também percebam a existência da discriminação que possam estar afetando as suas experiências pessoais, ou seja, tenham consciência, oficinas como essas são necessárias para isso. Antônio Moreira^{XXV} compreende essa estrutura sociocultural complexa e conflituosa, e explica que o aluno consegue ter autonomia para se posicionar em seu cotidiano em situações de discriminação, além de identificar a reprodução dos aspectos discriminatórios através das mídias.

Em conclusão, a teoria precisa conceber a escola como um espaço de produção cultural que dialoga com as diversas mudanças de expressões culturais sociais. O professor precisa entender isso e se apropriar do cotidiano escolar dos alunos para a formação de uma mentalidade crítica pedagógica e uma emancipação. Nesse sentido, é interessante perceber que há o rompimento da hierarquia do saber-poder ocidental, o saber passa a ser visto enquanto dinâmico e sobretudo coletivo.

Reconhecendo que a sala de aula pode não ser um lugar seguro para as minorias, é importante que se estimule o diálogo entre as diferenças na sala de aula. O diálogo precisa ser diverso também e nunca privilegiar uma identidade em específica, é permitindo esse diálogo e abandonando os seus próprios preconceitos que o educador pode auxiliar na construção de uma sociedade mais justa e solidária.

Considerações finais

Nesse contexto de disputa e reconstrução dos saberes culturais, é fundamental que haja novas perspectivas de “outros saberes”, visando fugir dessa tendência homogênea que estigmatiza as culturas. O multiculturalismo e os estudos decoloniais seriam a chave para compreender e resgatar essa imensa diversidade sociopolítica cultural. A fonte historiográfica aqui analisada se mostrou eficiente enquanto discurso político revolucionário a partir de uma tentativa de construir uma identidade sociocultural em um momento de crise.

Por isso, *Nuestra América* se faz tão presente no ensino de História, por ser uma fonte que valoriza e desperta interesse na cultura hispanoamericana e se constrói a partir do seu próprio povo. É nesse sentido que o professor pode ser auxiliador no processo autônomo e pedagógico de se resgatar e construir uma consciência histórica coletivamente com seus alunos, a utilização da fonte seria auxiliadora para o processo criativo do aluno, um ponto de partida enquanto referência histórica e sobretudo pedagógica.

A partir disso, pode-se pensar em diversas atividades dinâmicas como a própria leitura de trechos do documento e a comparação com os discursos dos revolucionários cubanos, além de sua utilização para uma referência de que é possível uma mudança a partir de um saber poético e literário, pode-se pedir por exemplo que destaque os trechos favoritos de cada aluno.

Portanto, é notório o quão significativo de fato o peso de uma ideia e visão de mundo pode influenciar povos e movimentos históricos. José Martí demonstrou isso no seu texto em *Nuestra América*, afirmando que “*No hay proa que taje una nube de ideas*”^{XXVI} visando ressignificar uma cultura hispanoamericana e, de fato, influenciou e influencia no seu processo. O historiador Carlo Ginzburg afirmou em *O Queijo e os Vermes* a importância que uma cultura pode oferecer ao indivíduo um horizonte repleto de possibilidades, mesmo que em “uma jaula flexível e invisível dentro da qual se exercita a liberdade condicionada de cada um.”^{XXVII} Nesse sentido, é quase

NUESTRA AMÉRICA: A INFLUÊNCIA PEDAGÓGICA DE UMA IDEIA NA CONSTRUÇÃO DE
UMA AMÉRICA LATINA AUTÔNOMA E INTERNACIONALISTA

ANDRADE, M. G. N.

poético pensar que a ideia pode ser uma faísca ou estar em ebulição sempre na espreita para ser utilizada e ressignificada. Independente de seu contexto histórico, mas sempre o reconhecendo para compreendê-la da melhor forma possível e evitar o anacronismo.

“Uma ideia em ebulição.
Uma corrente de alta tensão
O que me atinge vira munição
Essa ideia de que somos um só
Parece tão clara para mim
Pois nem matando cada um de nós
O nosso fogo não se apaga assim.”

SILVEIRA, Lucas^{XXVIII}.

Notas

^I Licencianda em História UERJ

^{II} MARTÍ, José. *Nuestra América*. Publicado em *La Revista Ilustrada de Nueva York*, Estados Unidos, el 10 de enero de 1891, y en *El Partido Liberal*, México, el 30 de enero de 1891

^{III} HOBBSAWM, Eric J. A era das revoluções. Europa, 1789-1848. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007, p. 142

^{IV} HOBBSAWM, Eric. J Capítulo 4 - A política da Democracia In Era dos impérios: 1875-1914. São Paulo: Editora Paz e Terra S/A, 2005

^V HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. O olhar imperial e a invenção da África. In: HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. África na sala de aula: visita á história contemporânea. São Paulo: Selo Negro, 2005, cap.1, p.18

^{VI} CARVALHO, Rezende Eugênio de. Idéias e Identidade na América: quatro visões. *Estudos Ibero-Americanos*, 24(2), 7-28. <https://doi.org/10.15448/1980-864X.1998.2.27210>

^{VII} FANON, Frantz. *Pele negra máscaras brancas*, Edufba, 2008

^{VIII} FANON, Frantz. *Pele negra máscaras brancas*, Edufba, 2008, p. 29

^{IX} MARTÍ, José. *Nuestra América*. Publicado em *La Revista Ilustrada de Nueva York*, Estados Unidos, el 10 de enero de 1891, y en *El Partido Liberal*, México, el 30 de enero de 1891. P.2

^X MARTÍ, José. *Nuestra América*. Publicado em *La Revista Ilustrada de Nueva York*, Estados Unidos, el 10 de enero de 1891, y en *El Partido Liberal*, México, el 30 de enero de 1891, p.2.

^{XI} CARVALHO, Rezende Eugênio de. Idéias e Identidade na América: quatro visões. *Estudos Ibero-Americanos*, 24(2), 7-28. p. 14

^{XII} MARTÍ, José. *Nuestra América*. Publicado em *La Revista Ilustrada de Nueva York*, Estados Unidos, el 10 de enero de 1891, y en *El Partido Liberal*, México, el 30 de enero de 1891, p. 2.

^{XIII} SVAMPA, Maristella. *En Dilema Argentino: Civilización o Barbarie*, 1994

^{XIV} CARVALHO, Rezende Eugênio de. Idéias e Identidade na América: quatro visões. *Estudos Ibero-Americanos*, 24(2), 7-28. p. 17

^{XV} MARTÍ, José. *Nuestra América*. Publicado em *La Revista Ilustrada de Nueva York*, Estados Unidos, el 10 de enero de 1891, y en *El Partido Liberal*, México, el 30 de enero de 1891, p. 6

^{XVI} MARTÍ, José. *Nuestra América*. Publicado em *La Revista Ilustrada de Nueva York*, Estados Unidos, el 10 de enero de 1891, y en *El Partido Liberal*, México, el 30 de enero de 1891, p. 6

^{XVII} NASSIF, Ricardo. JOSÉ MARTÍ. SANTOS. EDUARDO, JOSÉ. (org In Coleção Educadores MEC.Fundação Joaquim Nabuco / MASSANGANA, 2010. p. 37

^{XVIII} SILVA, Pimentel Izabel. *Nuestra América: A Revolução Cubana e o Internacionalismo das esquerdas revolucionárias na América do Sul* In SALES, Jean Rodrigues (Org.) et al. *Revolução Cubana [recurso eletrônico]: ecos, dilemas e embates na América Latina*. 1. ed. Aracaju: EdIFS, 2019, p. 222

ANDRADE, M. G. N.

^{XIX} SILVA, Pimentel Izabel. *Nuestra América: A Revolução Cubana e o Internacionalismo das esquerdas revolucionárias na América do Sul* In SALES, Jean Rodrigues (Org.) et al. *Revolução Cubana [recurso eletrônico]: ecos, dilemas e embates na América Latina*. 1. ed. Aracaju: EdIFS, 2019, p. 238

^{XX} secretário continental da Aliança Bolivariana para os Povos de Nossa América (Alba), in <https://www.brasildefato.com.br/2020/01/31/jose-marti-167-anos-de-historia-e-legado-em-nuestra-america> 25/11/2022

^{XXI} CERRI, Luis Fernando Ensino de História e concepção historiográfica. *Revista Espaço Plural*, vol X, núm 20, enero-junio, 2009, pp. 149-154, p. 149

^{XXII} DUSSEL, Inés. CARUSO, Marcelo. “A Invenção da Sala De Aula”, Moderna, 1998

^{XXIII} CANDAU, Vera. Multiculturalismo e educação; desafios para a prática pedagógica.

^{XXIV} CERRI, Luis Fernando Ensino de História e concepção historiográfica. *Revista Espaço Plural*, vol X, núm 20, enero-junio, 2009, pp. 149-154, p. 150

^{XXV} MOREIRA, Antonio. “Reflexões sobre currículo e identidade: implicações para a prática pedagógica”

^{XXVI} MARTÍ, José. *Nuestra América*. Publicado em *La Revista Ilustrada de Nueva York*, Estados Unidos, el 10 de enero de 1891, y en *El Partido Liberal*, México, el 30 de enero de 1891, p.1

^{XXVII} GUINZBURG, Carlo. *O Queijo e Os Vermes*, 1996 p. 27.

^{XXVIII} SILVEIRA, Lucas. *Convicção In: Sua Alegria Foi Cancelada*. BMG Rights Management (US) LLC, CD.

Referências bibliográficas:

CANDAU, Vera. Multiculturalismo e educação; desafios para a prática pedagógica.

CARVALHO, Rezende Eugênio de. *Idéias e Identidade na América: quatro visões*. *Estudos Ibero-Americanos*, 24(2), 7-28. <https://doi.org/10.15448/1980-864X.1998.2.27210>.

DUSSEL, Inés. CARUSO, Marcelo. “A Invenção da Sala De Aula”, Moderna, 1998.

CERRI, Luis Fernando Ensino de História e concepção historiográfica. *Revista Espaço Plural*, vol X, núm 20, enero-junio, 2009, pp. 149-154,

FANON, Frantz. *Pele negra máscaras brancas*, Edufba, 2008

GINZBURG, Carlo. *O Queijo e Os Vermes*, 1996

HOBBSAWM, Eric J. *A era das revoluções*. Europa, 1789-1848. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007

HOBBSAWM, Eric. J Capítulo 4 - A política da Democracia In *Era dos impérios: 1875-1914*. São Paulo: Editora Paz e Terra S/A, 2005

HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. *O olhar imperial e a invenção da África*. In: HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. *África na sala de aula: visita á história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 2005, cap.1,

MARTÍ, José. *Nuestra América*. Publicado em *La Revista Ilustrada de Nueva York*, Estados Unidos, el 10 de enero de 1891, y en *El Partido Liberal*, México, el 30 de enero de 1891.

MOREIRA, Antonio. “Reflexões sobre currículo e identidade: implicações para a prática pedagógica”

NASSIF, Ricardo. José Martí. SANTOS. EDUARDO, José. (org In *Coleção Educadores MEC*. Fundação Joaquim Nabuco / MASSANGANA, 2010

NUESTRA AMÉRICA: A INFLUÊNCIA PEDAGÓGICA DE UMA IDEIA NA CONSTRUÇÃO DE
UMA AMÉRICA LATINA AUTÔNOMA E INTERNACIONALISTA

ANDRADE, M. G. N.

SALES, Jean Rodrigues (Org.) et al. *Revolução Cubana* [recurso eletrônico]: ecos, dilemas e embates na América Latina. 1. ed. Aracaju: EdIFS, 2019

SARMIENTO, Domingo F. Facundo: civilização e barbárie. Petrópolis: Vozes, 1996

SILVEIRA, Lucas. Convicção In: *Sua Alegria Foi Cancelada*. BMG Rights Management (US) LLC, CD.

SVAMPA, Maristella. *En Dilema Argentino: Civilización o Barbarie, 1994*